

O AUTORITARISMO E A APATIA EM O AMIGO DISTANTE

Carlos Roberto Ludwig©

RESUMO: ©

Este artigo pretende analisar a apatia e a acomodação da personagem-narradora Cláudia da obra **O amigo distante**, de Christoph Hein frente à repressão do sistema socialista da RDA. Pretende-se analisar as representações literárias do contexto social, político e cultural através de um estudo do espaço e da personagem do romance. Além disso, procura-se verificar a presença de críticas ao sistema implantado na RDA.

PALAVRAS-CHAVE: autoritarismo, apatia, repressão

INTRODUÇÃO

O romance **O amigo distante** se insere num movimento literário chamado o Realismo Socialista, proposto pelo partido único do socialismo de países do Leste Europeu, que controlava toda a produção cultural da época. Nesse sentido, o partido único da RDA também adotava essa linha para guiar a produção literária. Esse movimento foi criado com o intuito de estabelecer as normas de produção literária para fortalecer a construção do sistema socialista. Muitos escritores, porém, não seguiam esses preceitos literários impostos pelo ministério da cultura, a fim de criar uma obra que criticasse a ordem autoritária vigente no poder.

Nesse sentido, Christoph Hein tematiza contradições do socialismo na RDA (República Democrática Alemã) em sua obra **O amigo distante**, publicada em 1982. Nessa obra, estão representadas a decadência do sistema socialista e a estagnação social e política da Alemanha Oriental. Pode-se verificar isso através dos traços da personagem-narradora Cláudia, cujo comportamento é apático e indiferente frente à repressão e aos limites da sociedade da RDA. Cláudia se acomodou perante um sistema autoritário que não permitia mudanças radicais e que apresentava contradições inaceitáveis para os ideais socialistas, como o controle de liberdade de expressão pelo Estado.

Regimes autoritários são sistemas de governo nos quais há controle e restrições às manifestações políticas. Controlam-se ideologicamente a imprensa, os indivíduos e prima-se por ações de repressão e

violência, como a perseguição de intelectuais, artistas e políticos, estudantes e civis em geral; o setor militar desempenha papel decisivo para a manutenção da ordem social.

Nessa esfera, os escritores tinham de criar mecanismos que burlassem a censura para que pudessem ficar comprometidos criticamente com os problemas sociopolíticos e culturais da RDA. Em relação a isso, DORNELLES afirma que:

é importante atentar para a situação do escritor na RDA. No período de 1976 a 1984 (O amigo distante foi publicada em 1982), a Associação de Escritores da RDA, sob a orientação do Partido, expulsou ou demitiu mais de trinta autores que, de alguma forma, criaram obras de caráter crítico. (2000: p. 73)

1 Conhecendo a obra

O romance **O amigo distante** inicia-se com um antetexto, que é o relato de uma espécie de sonho ou alucinação vivida por alguma personagem, supostamente Cláudia: “Eu ou a personagem que eu talvez seja, hesito. Eu – admitamos que seja eu...” (HEIN, 1987: p. 7). Neste antetexto relata-se a tentativa de atravessar sobre uma ponte completamente rachada, abandonada, em ruínas, pela personagem e um acompanhante. O primeiro capítulo do livro inicia a narração “in media res”: Cláudia hesita se vai ou não ao enterro de seu amante Henry. O epílogo do romance ocorre, cronologicamente, meio ano após o velório de Henry e registra o estado atual no qual se encontra Cláudia.

O andamento da ação centraliza-se em torno do relacionamento entre Henry e Cláudia, cuja convivência é marcada por um certo distanciamento e descompromisso entre eles. Em torno dessa ação central, percebe-se ações periféricas, como o relacionamento de Cláudia com seus pais, com Henry e com seu ex-marido Hinner, seus vizinhos e suas visitas a colegas de trabalho e conhecidos. A descrição de sua infância restringe-se ao seu relacionamento com sua colega de escola e sua melhor amiga, Katharina, e seu relacionamento com seu tio Gerhard.

É importante observar que o título da obra, **O amigo distante**, se refere exatamente a Henry, namorado de Cláudia. Ele é um rapaz de idade não mencionada, com estilo e gostos de um boêmio, de um *playboy*, e possui aspirações de um americano, visíveis já pelo nome inglês Henry. Além disso, vale salientar que o título da obra em alemão, **Der fremde Freund**, é bastante ambíguo. A palavra *fremde* comporta três significados distintos: distante, estranho e estrangeiro; a palavra *Freund* pode ser amigo ou namorado. Essas palavras percorrem a obra, suscitando outros significados. Outro fato interessante é que a obra só pôde ser publicada na Alemanha Ocidental sob o título de **Drachenblut** (Sangue de Dragão), que faz referência à **Canção dos Nibelungos** na obra.

O enredo da ação pode ser resumido da seguinte forma: Cláudia conhece Henry, seu novo vizinho de apartamento em Berlim, e passa a relacionar-se com ele. Ela trabalha como médica numa clínica e ele é arquiteto. Cláudia visita seus pais e parentes, mas ela não se sente bem em fazê-lo. Ela decide sair ao campo para fotografar um moinho em ruínas. Ele conta-lhe que é casado e que sua mulher também tem um amante. Ao saber disso, Cláudia fica transtornada. Cláudia decide visitar G., sua cidade natal, onde relembra toda a infância: a escola, seus colegas, sua amizade com Katharina. Ele e um amigo seu saem a um restaurante e um grupo de rapazes faz piadas sobre o chapéu de feltro de Henry. Ele briga com o grupo que o espanca até a morte. O corpo de Henry é enterrado depois de um mês. Cláudia continua sua vida normalmente, acomodada e afastada de pessoas.

O foco narrativo se apresenta em primeira pessoa do singular, sendo Cláudia a narradora de todo o romance e também a personagem protagonista. Em relação a esse tipo de narrador, afirma LEITE:

O NARRADOR, personagem central, não tem acesso ao estado mental das demais personagens. Narra de um centro fixo, limitado quase que exclusivamente às suas percepções, pensamentos e sentimentos. (1993: p. 43)

Assim, percebe-se em **O amigo distante**, que não há intromissão no relato, ou seja, conhece-se muito pouco ou quase nada sobre as outras personagens. Às vezes, Cláudia faz suposições acerca dos pensamentos ou acerca dos motivos das ações de outras personagens. É possível notar isso, quando ela se refere a sua secretária. “Karla atrasa-se todos os dias um bocadinho e sempre se desculpa com os filhos. É bem possível que os refira por supor assim

despertar em mim uma má consciência” (HEIN, 1987: p. 13). A narradora não acompanha a ação em seus pormenores. O que se pode saber com maior precisão são suas ações e seu comportamento.

No romance **O amigo distante** é possível notar o predomínio do tempo cronológico. Cláudia convive com Henry por volta de um ano. A narradora marca bem o tempo da ação com horas, dias, semanas, meses, partes do dia e do ano. A narrativa transcorre, predominantemente, em tempo passado. Observa-se isso nas seguintes transcrições: “Na manhã do funeral não estava certa se iria.” (p. 11) “Tirei férias em fins de Junho (p. 65) “Em Fevereiro fiz quarenta anos.” (p. 167)

2 O espaço: a estagnação social e a interioridade do sujeito

O espaço no romance **O amigo distante** é predominantemente urbano e interno. Retrata-se a casa de Cláudia, o prédio onde mora, a clínica onde trabalha, lojas. A ação ocorre em cidades da Alemanha Oriental, como Berlim, Magdeburgo e Dresden. É importante observar como ela descreve a entrada de um prédio: “No átrio de entrada pairava no ar o costumado cheiro um tanto acre das casas sem sol nas traseiras. Tapei a boca e o nariz com um lenço enquanto subia as escadas.” (HEIN, 1987: p. 50). É importante notar o contraste com os apartamentos dos romances que Cláudia lia na adolescência:

É um prédio com habitações de uma só divisão. Dão-lhe agora o nome de apartamentos. Quanto era criança, ou melhor dizendo, adolescente, um apartamento era na minha ideia algo totalmente diferente. Falava-se muito de apartamentos nos romances que lia nessa altura. Eram aposentos com valiosos cortinados e lustres dourados [...]. Aposentos de fazer perder os sentidos. Os nossos ‘apartamentos’ são bem diferentes. Aqui moram apenas pessoas sozinhas [...]. No Verão paira no ar um fedor de conduta do lixo e, por vezes, a retrete. Todo o santo dia o prédio é invadido pelo sanfonar maçador da música de rádio. Até mesmo aos domingos de manhã. A casa está cheia de ruídos, se não estes outros quaisquer. Penetram através das paredes, das canalizações. Uma mistura de vozes constante, indistinta. [...] Silêncio aqui só altas horas da noite. É a vez dos estalidos dos tubos do aquecimento central fazerem a ronda pelo prédio. (HEIN, 1987: p. 25)

Pode-se observar, a partir da análise do espaço, a decadência do Estado em virtude de prédios haverem sido construídos sem planejamento,

não tendo condições para o espaço urbano onde estavam inseridos.

As descrições dos apartamentos e ambientes sugerem a massificação imposta pelo sistema socialista na RDA. Pode-se observar isso quando Henry

referiu-se ao apartamento, dizendo que todas as pessoas do prédio tinham a casa decorada da mesma maneira. O espaço exíguo, as portas, forçavam as pessoas a colocar a cama ali, a mesa acolá. Havia uma única variante possível e também esta era inevitável: quem possuísse livros e precisasse para eles uma estante, tinha de pô-la ao lado da porta e, por conseguinte, de pôr a cama junto à janela. E quando ele ainda por cima, disse divertido, notava que nas prateleiras, forçosamente ao mesmo lugar, se encontravam também os mesmos livros, dava-lhe ganas de meter uma bala na cabeça. (HEIN, p. 29)

Através das descrições do espaço, é possível verificar a precariedade das instalações construídas na época e, como já foi destacado anteriormente, sem o devido planejamento.

Nota-se ainda a observação que o chefe de Cláudia faz acerca de seu apartamento, quando a visita, e a reação dela. “Achou o apartamento pavoroso e disse-me que iria providenciar para que fosse atribuída uma casa em condições. Redargui que estava satisfeita com o apartamento, e que não precisava de mais que isso.” (HEIN, 1987: p. 143). Embora as condições de seu apartamento fossem precárias, ela não aceita ter outra moradia. Observa-se ainda, “... estava eu a arrumar a cozinha, ou seja, a mudar algumas coisas de sítio, sem ganhar muito espaço.” (HEIN, 1987: p. 145-146) Ou: “o apartamento é muito pequeno mas é bastante confortável, posso deixar tudo como está, pouco há para arrumar.” (HEIN, 1987: p. 100)

Descreve-se também uma loja onde Cláudia foi comprar uma blusa. A precariedade do espaço é gritante.

na minúscula boutique não havia cabina onde pudesse experimentá-la [...] olhei em volta o cubículo que era a loja e perguntei onde era a casa de banho. Ela abanou a cabeça sem compreender, e quando quis saber como conseguia passar todo o dia sem casa de banho, ela riu nervosamente. (HEIN, 1987: p. 48-49)

Em alguns momentos faz-se a descrição de espaços externos, como um bosque, uma praia, um moinho abandonado. Enquanto Cláudia Henry

passeiam, ela descreve o ambiente de um bosque e como isso reflete nas ações de Henry.

Notava-se na sua atitude que o passeio para ele não era mais que maçada supérflua, sem sentido. [...] A paisagem não lhe pertencia, faltava-lhe à vontade para se mover nela. O chão mole, algo pantanoso, os arbustos revestidos de teias de aranha, os galhos tombados no solo estalando levemente sob nossos pés, tudo isso se refletia no seu rosto, nos seus movimentos, como algo enfadonho. (HEIN, 1987: p. 60)

Pode-se observar as atitudes hostis de Henry em relação ao meio silvestre onde geralmente Cláudia costumava passear, que eram incompatíveis com os que ele estava habituado. Em geral, Cláudia fotografa paisagens mortas, árvores tortas e secas, ruínas. Observa-se a descrição de um moinho abandonado.

Do moinho apenas restavam paredes em ruínas e traves apodrecidas. Devia ter sido devastado pelas gentes da aldeia. Por outro lado, pululavam ervas daninhas. Tínhamos de caminhar com cuidado para não tropeçar nas estacas e ferros escondidos nas urtigas.

Fotografei o madeiramento do telhado a desmoronar-se e já sem telhas onde crescia uma pequena bétula de flores claras quase transparentes. [...] Lá em cima só havia tralha sem valor. [...] Depois a objectiva foi invadida por um carrinho de bebé sem rodas. (HEIN, 1987: p. 59).

Moinhos podem ser entendidos como um símbolo da produção. O moinho abandonado, nesse caso, indicia o sucateamento dos meios de produção do sistema, como fábricas, indústrias e a tecnologia atrasada e estagnada. Cláudia também imagina que o moinho fora destruído “pelas gentes da aldeia”, indiciando o descaso do povo frente ao patrimônio público.

O espaço no romance **O amigo distante** pode ter duas conotações: primeiramente faz uma representação literária das condições sociais de vida impostas aos indivíduos, fruto de um modelo social que massificava o indivíduo, privando-o de sua autenticidade. Também faz uma representação literária da estagnação dos meios de produção e administração desse momento histórico. Faz-se um retrato acerca das possíveis condições do espaço físico e da estrutura do sistema socialista da época de produção da obra. Por outro lado, os espaços internos sugerem o estado da interioridade do sujeito. Assim como o espaço se apresenta exíguo, degradado e estagnado, Cláudia também se encontra em um estado de subjetividade endurecida e

desumanizada, desagregada e, conseqüentemente, suas ações e atitudes são de acomodação e apatia.

3 A personagem-narradora e a apatia

Em *O amigo distante*, a personagem protagonista Cláudia apresenta a seguinte conduta: é médica numa clínica em Berlim. Divorciada e amante de Henry, mora sozinha num apartamento e leva uma vida acomodada e sem ânimo para mudanças. Tem o hobby de fotografar paisagens mortas e ruínas. Visita os pais muito raramente, o que os incomoda. Não tem qualquer relacionamento íntimo com vizinhos e colegas de profissão; todos são tratados com indiferença. Isso pode ser observado na cena em que Cláudia entra no elevador do prédio onde habita. O elevador está lotado, ela observa a todos, mas ninguém dialoga.

Os rostos estáticos mostraram-se mais hostis. [...] Em silêncio, percorri fixamente com os olhos os rostos demasiado próximos do meu, ao mesmo tempo que era inspeccionada também de forma silenciosa e directa. Um conhecer-se com todos os sentidos, imposto, incómodo especialmente para o olfato. (HEIN, 1987: p. 12)

Vale observar as reações de Cláudia e de seus vizinhos. O silêncio mantido por todos gera um estado de distanciamento, a fim de evitar uma possível intrusão, que geraria uma sensação incômoda, que atinge até o olfato. Cláudia confirma seu distanciamento em relação às pessoas, relatando:

Não vale a pena travar conhecimentos com ninguém. Aliás, por natureza não aprecio ter conhecidos a morar no mesmo prédio. Têm sempre algo de intrometido. A mera hipótese de dar de cara com eles todos os dias, a impossibilidade de fugir a uma conversa, a amabilidade pedida pelas circunstâncias, tudo isso só dificulta o relacionamento. [...] Não quero mais ter de fitar dia após dia rostos estranhos, cuja única afinidade comigo consistirá no simples facto de serem sempre os mesmos. Uma familiaridade que não muda, que me não tem à sua mercê. Prefiro o relacionamento mais discreto com os móveis de minha casa. São menos intrometidos. A sua presença tem o encanto da nobreza. Mas também isso me é indiferente. (HEIN, 1987: p. 26)

Esses relatos de seu sentimento sugerem problemas de Cláudia provenientes de sua acomodação e de sua incomunicabilidade com o mundo. Ela pensa e age friamente a fim de se manter isolada de problemas externos. Cláudia prefere o relacionamento com objetos e móveis da casa a relacionar-se com seus vizinhos. Não há, para ela,

qualquer motivo e sentido para relacionar-se com pessoas. Sente-se invadida; sua privacidade torna-se limitada.

Em relação a seus pais, a situação é idêntica.

A visita a meus pais põe-me sempre nervosa. Horas antes de partir já me sinto moída. São visitas de cortesia a pessoas a quem nada me liga. Talvez a minha irritabilidade provenha da circunstância de essas pessoas terem o direito de me chamarem de filha, de ficarem orgulhosas com os meus êxitos, de me darem conselhos e de me enfiarem na mala, à partida, bolos ou um frasco de conserva qualquer feita em casa.

Agarram-se firmemente ao seu privilégio e melindram-se constantemente por visitá-los só de longe a longe. Estou certa de que também eles sentem que nada mais têm de comum comigo, só que não se atrevem a confessá-lo. Nunca se permitiriam sequer um tal pensamento. Os laços do acaso continuarão a prevalecer, um qualquer sentimento de culpa inexprimível que nos leva a cometer absurdos tais como essas visitas supérfluas. (HEIN, 1987: p. 37)

Para Cláudia, o relacionamento com seus pais não passa de fruto do acaso, sem haver qualquer possibilidade de laços íntimos, afetivos ou amorosos como outrora. Isso lhe causa um sentimento de culpa devido ao vínculo biológico que ela tem com seus pais. A protagonista encontra-se em um grande estado de apatia, chegando a supor que seus pais também sejam frios e indiferentes com ela. Além disso, ela imagina saber as causas do estado de indiferença, dando a explicação de ser assim por natureza.

Theodor W. Adorno faz referência a esse tipo de conduta em seu estudo *A educação após Auschwitz*. Segundo esse teórico

Pessoas que se enquadram cegamente em coletividades transformam-se em algo análogo à matéria bruta e omitem-se como seres autodeterminantes. Isso combina com a disposição de tratar os demais como massa amorfa. Na análise da Authoritarian personality denominei os que se comportam dessa maneira possuidores de caráter manipulativo [...] O caráter manipulativo [...] distingue-se pela mania de organização, pela incapacidade de vivenciar experiências humanas em geral, por certa espécie de falta de emotividade, pelo realismo exagerado. (1975: p. 40)

Pode-se notar que Cláudia apresenta esse caráter manipulativo em sentido psicológico, pois

possui vida interior, porém não a expõe ao meio externo. Assim, Cláudia inseriu-se num processo de “endurecimento”, devido a repressão sociopolítica que a afastou de pessoas com as quais se relacionava.

Mesmo em relação a Henry, seu amante, mantém uma relação distanciada.

A distância entre nós infundiu à nossa relação uma intimidade reservada que me era pessoalmente grata. Não sentia qualquer necessidade de me voltar a abrir totalmente com alguém, de me entregar a quem quer que fosse. Gostava de acariciar uma outra pele, mas sem desejar penetrar nela.

Talvez essa reserva não passasse de um fenómeno próprio da minha idade. Mas isso não me interessava. Estava satisfeita e isso bastava-me. (HEIN, 1987: p. 37)

Tanto na sua vida pessoal, quanto na sua vida profissional, Cláudia era acomodada. Em relação a isso, observa-se quando seu chefe vai visitá-la em sua casa e observa que ela não se atualizava:

Examinou a minha estante, verificando desiludido que praticamente só lá havia literatura de ficção. Se eu, por ventura, também não lia de vez em quando livros da nossa especialidade, perguntou-me. Abanei a cabeça negativamente. Era verdade que sentia de vez em quando essa necessidade. Comprava então esporadicamente revistas especializadas ou algum livro recomendado sobre os resultados mais recentes da investigação. Só que, na maioria das vezes, não tinha energia suficiente para lê-lo. Há anos que não sinto a mínima falta disso. [...] Para o meu trabalho na clínica chegava perfeitamente o que tinha aprendido na universidade e o que discutíamos entre colegas ou nos cursos regulares de actualização de conhecimentos. (HEIN, 1987: p. 144)

Dessa forma, o comportamento de Cláudia, acomodado e sem ânimo, pode ser lido como reflexo da sociedade da RDA. Em geral, a sociedade da Alemanha Oriental apresentava-se, na década de 1980, estagnada. É importante observar que esse estado de apatia e acomodação de Cláudia pode ter sido causado pela repressão exercida pelo socialismo que afastou Cláudia de seu tio Gerhard e de Katharina.

4 A educação repressiva lembrada na infância

A personagem-narradora faz uma viagem a G., sua cidade natal e relembra fatos de sua infância,

como suas amizades, sua escola e sua convivência com familiares.

Cláudia visitava seu tio Gerhard quase todos os dias. Ele a estimava como uma filha ou neta. Chegou a declará-la sua única herdeira. Porém, a família de Cláudia mudara-se de G. para Magdeburgo, porque seu tio fora preso por haver denunciado os membros do partido social-democrata e do partido comunista na época do nazismo. Ele também era membro desse partido desde os dezessete anos. Conforme Cláudia, “creio que os nazis deviam ter descoberto logo como intimidá-lo. E ele, com medo, traía seus camaradas” (HEIN, p.133). Para Cláudia, a prisão de seu tio e a sua condenação foram traumáticas, como se pode notar em sua reação:

Senti então um mundo desmoronar-se.

O meu pavor perante horrores fascistas, as minhas lágrimas ao ler o diário da judia Anna Frank pareceram-me a partir de então fingidas e hipócritas. Achava ter perdido o direito de me revoltar contra as atrocidades ou de me compadecer com elas. A princípio, senti necessidade de me purificar, de me declarar publicamente culpada. Nas minhas redacções de escola escrevia que era sobrinha de um criminoso nazi e que, não podia permitir escarnecer das vítimas, com a minha compaixão. Os professores e meus pais não sabiam o que fazer. As minhas autocríticas e queixas foram votadas ao silêncio. [...] Compreendera que eu era um escândalo, insolúvel, insuprimível, inexplicável. E comecei a calar-me para não causar problemas aos outros. (HEIN, 1987: p. 133-134)

Cláudia então passa a julgar-se culpada por seu tio ter traído seus colegas, após ter sido entregue aos nazistas. Passou a expor seu sentimento, que causou problemas a seus pais e professores. Por fim, sentiu-se obrigada a calar-se e reprimir esse sentimento.

Na escola, os professores maltratavam os alunos. O professor de ginástica, principalmente, obrigava os alunos a fazer exercícios forçados, chamava-os de “«lesma» e «pastel de nata»” (HEIN, 1987: p. 118). Conforme a narradora,

O escárnio mordaz que esperávamos do professor pesava sobre nós como chumbo [...]. As observações do Prof. Ebert que pingavam sobre nós envolvendo-nos de uma massa pegajosa, petrificavam-nos e retiravam-nos toda a energia. [...] Ao novo Prof. Ebert agradava pôr as raparigas a fazer exercícios para seu deleite. [...] Com o rosto afoqueado, as raparigas repetiam e voltavam a repetir os

exercícios perante o olhar de gozo do professor... (HEIN, 1987: p. 118-119).

Observa-se que a educação repressora exercida pela escola era fruto de uma política educacional voltada para o silêncio. Pode-se lembrar as afirmações feitas por Adorno (1975), mencionadas anteriormente. Há uma tendência de indivíduos tratarem os outros como “massa amorfa”, como se não tivessem sentimento à dor.

Em relação a Cláudia e Katharina, sua melhor amiga e colega de infância, ambas tinham um relacionamento muito íntimo. Conversavam sobre seus problemas, sobre a religião de Katharina, sobre o futuro. Chegaram a um acordo de que tomariam uma posição se existia um deus no qual pudessem acreditar ou a religião era realmente uma farsa para enganar o povo, conforme pregava o socialismo. Contudo temiam a repressão da família de Cláudia e da escola, porque a ideologia socialista não permitia que o indivíduo tivesse crença em um deus. Ambas tinham esperanças de serem escolhidas para ingressarem à escola de preparo à universidade. Porém escolheram somente Cláudia. “Com os olhos rasos de lágrimas, jurámos uma à outra eterna lealdade. E, no entanto, ainda mal tinham decorrido seis meses, e já tornáramos nas piores inimigas.” (HEIN, 1987: p. 129)

Cláudia brigara com Katharina porque ela estava causando infortúnios aos colegas de classe e porque ela não queria ingressar à “organização socialista da juventude” por causa de sua religião; tanto os pais de Cláudia, quanto seus professores, não queriam que ela fosse amiga de Katharina. Por fim, Katharina, sua mãe e seus irmãos mudaram-se para Alemanha Ocidental.

Anos depois, Cláudia revela sentir falta de sua amiga e assume a perda de sua capacidade de amar outras pessoas.

Lá por trás encontra-se certamente dissimulada a ânsia de me entregar por inteiro a uma pessoa. A capacidade que perdi de amar alguém incondicionalmente. São as saudades de Katharina [...] Sinto muita falta de Katharina. Passaram vinte e cinco anos desde a última vez que a vi e gostaria que tivéssemos ficados juntas. [...] Não sabia então que jamais voltaria a amar uma pessoa tão incondicionalmente. Essa perda dói-me. Nenhuma das separações que se seguiram: de Hinner, dos homens depois dele, nem sequer de Henry, me deixaram assim por terra. [...] Estou preparada para tudo, encorajada contra tudo, nada mais voltará a me ferir.

Tornei-me invulnerável. Banhei-me no sangue de dragão e nenhuma folha de tília me deixou sem protecção. Desta pele não sairei mais. Nesta minha capa invulnerável rebentarei de saudades de Katharina.

Quero que Katharina seja outra vez minha amiga. Quero desvencilhar-me desta espessa carapaça dos meus medos e da minha desconfiança. Quero vê-la. Quero reaver Katharina.

Minha pele impenetrável é minha fortaleza. (HEIN, 1987: p. 177)

O reencontro com Katharina seria uma possibilidade para Cláudia enfrentar seus medos, sua desconfiança e seus problemas frente ao mundo, já que sua amiga a ajudava a refletir sobre eles. Porém, assim que Cláudia admite sua incapacidade de envolver-se afetivamente e a sua necessidade de revelar-se ao mundo, surge a remissão à **Canção do Nibelungos** que refere-se à lenda de Siegfried, guerreiro que banhou-se no sangue de dragão para tornar-se invulnerável. Contudo ele se tornou vulnerável nas costas, onde caíra uma folha de tília. (DORNELLES, 2000).

O que se percebe num primeiro momento, é que ambos desejam tornar-se invulneráveis. Mas em **O amigo distante**, a referência à pele encorajada como uma fortaleza salienta a sua fragilidade perante o mundo. Segundo DORNELLES,

Tal fragilidade é oriunda da mutilação imputada por uma educação baseada no medo e na aceitação incondicional de regras que impedem a realização dos desejos do indivíduo. (2000: p. 72)

Essa fragilidade que Cláudia apresenta perante perdas sofridas provém de um processo de educação destinado ao silêncio. A referência à lenda de Siegfried, segundo DORNELLES,

Reitera a necessidade de disfarçar as conseqüências dessa educação para o indivíduo. Dentre elas, está a dificuldade de estabelecimento de relações verdadeiras – sem a presença de máscaras – entre as pessoas. (2000: p. 72)

Pode-se perceber, dessa forma, que a perda de Katharina e de seu tio Gerhard, a política do silêncio estabelecida pelo Estado por intermédio da família e da escola, a massificação instituída pelo socialismo geraram em Cláudia um comportamento

apático e indiferente e, também, sem ânimo para mudanças, portanto a acomodação.

CONCLUSÃO

Pôde-se observar, através desse trabalho, situações importantes que contribuíram para configurar o estado de apatia e acomodação da personagem Cláudia: a educação repressiva do Estado autoritário e a estagnação social gerada pelo socialismo na RDA. O Estado mantinha uma ideologia que obrigava o indivíduo a pensar e a agir de forma retrógrada, petrificante e apática. Isso é possível verificar através das ações da personagem, do espaço no romance e da educação repressora exercida pelos órgãos de reprodução ideológica, como a escola e a família.

Percebe-se que Cláudia não se atualiza profissionalmente, não tem grandes aspirações profissionais, não quer ter filhos, nem traça relações íntimas com pessoas, enfim, acomodou-se. É importante notar que o Estado considerava todos os indivíduos como um 'parafuso de engrenagem' e, portanto, desenvolvia uma política de massificação. Isso é também verificável em outras personagens. Em **O amigo distante**, o comportamento apático das personagens pode ser considerado reflexo da ação repressiva do Estado. O sujeito é manipulado pela ideologia do sistema e, com medo de represálias, opta por acomodar-se. Essa acomodação do sujeito é consequência da política socialista de massificação. Em outras palavras, a estagnação da sociedade deve-se ao autoritarismo de um grupo minoritário e excludente que detém o poder.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADORNO, Theodor W. A educação após Auschwitz. In: _____. **Textos escolhidos**. São Paulo: Abril Cultural, 1975.

DORNELLES, Ana Lariça de Mello. As personagens femininas em *A jangada de pedra* e *O amigo distante* – uma possibilidade de estudo comparativo. (Dissertação de Mestrado) Santa Maria: UFSM, 2000.

HEIN, Christoph. **O amigo distante**. Trad. Ana Maria Carvalho. Lisboa: Dom Quixote. 1987.

_____. **Der fremde Freunde/Drachenblut**. Berlin: Fischer, 1993.

LEITE, Ligia Chiappini Moraes. **O foco narrativo**. 6. ed. São Paulo: Ática, 1993, Séries Princípios.

NOTAS

⁶ Bolsista PIBIC/CNPq, aluno do 4º. semestre do curso de Letras – Português/Inglês/Literaturas. Membro do Grupo de Pesquisa Literatura e Autoritarismo, apoiado pelo CNPq. Orientando da Profa. Dra. Rosani Ketzer Umbach, coordenadora do projeto "Sob o jugo do autoritarismo. A repressão como forma de representação na literatura da RDA".